

Mais de 90 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS



Uma Carta de Amor





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Miles e Ryan

PRÓLOGO



A garrafa foi atirada do barco numa noite quente de verão, poucas horas antes de cair a chuva. Era frágil, como todas as garrafas, e teria se estilhaçado se tivesse sido jogada no chão. Mas bem vedada e lançada ao mar, como essa foi, tornou-se um dos objetos mais resistentes conhecidos pelo homem. Flutuaria, ilesa, enfrentando furacões e tempestades tropicais, boiaria na crista das correntezas mais violentas e perigosas. Era, de certo modo, o repositório ideal da mensagem que levava – uma mensagem enviada para pagar uma promessa.

Como o curso de todas as garrafas entregues aos caprichos do oceano, o desta era imprevisível. Os ventos e as correntes têm papel importante na direção de qualquer garrafa; tempestades e detritos boiando à deriva também podem mudar seu rumo. Às vezes uma rede de pesca aprisiona uma delas e a transporta por muitos quilômetros na direção oposta àquela em que ela vinha viajando. O resultado é que dois recipientes lançados ao mar ao mesmo tempo podem terminar em dois continentes diferentes, ou mesmo em lados opostos do planeta. Não há como prever onde uma garrafa pode ir parar, e isso é parte do mistério.

Este mistério intriga as pessoas desde que as garrafas existem, e poucas tentaram descobrir mais sobre o assunto. Em 1929, uma equipe de cientistas alemães resolveu seguir a trilha de uma determinada garrafa. Ela foi lançada ao oceano Índico meridional, levando um bilhete que pedia a quem a encontrasse que registrasse o local e a jogasse de volta ao mar. Em 1935 ela tinha dado a volta ao mundo, percorrendo cerca de 25 mil quilômetros – a maior distância oficialmente assinalada.

Durante séculos, as mensagens em garrafas foram registradas, e esses documentos mencionam alguns nomes famosos da história. Benjamin Franklin, por exemplo, em meados do século XVIII lançava garrafas ao mar

para conhecer mais sobre as correntes da Costa Leste dos Estados Unidos, recolhendo dados que ainda são utilizados. Hoje em dia, a Marinha norte-americana usa garrafas para obter informações sobre marés e correntes, e elas são muito úteis para que se possa rastrear a direção de manchas de óleo no mar.

A mensagem mais famosa foi enviada em 1784 por um jovem marujo, Chunosuke Matsuyama, que ficou perdido num banco de coral, sem comida e água, quando seu navio naufragou. Antes de morrer, ele entalhou num pedaço de madeira o relato do que lhe acontecera e fechou-o dentro de uma garrafa. Em 1935 – 150 anos depois de tê-lo lançado ao mar – o recipiente apareceu na pequena aldeia no litoral do Japão onde Matsuyama nascera.

No entanto, a garrafa arremessada naquela noite quente de verão não continha o relato de um naufrágio, tampouco seria usada para mapear os mares. Mas levava uma mensagem que mudaria para sempre a vida de duas pessoas que de outro modo jamais se conheceriam, e por este motivo pode ser considerada uma mensagem do destino. Durante seis dias, ela flutuou lentamente na direção nordeste, levada pelos ventos de uma frente de alta pressão que pairava acima do Golfo do México. No sétimo dia, os ventos cederam e a garrafa foi direto para o leste, alcançando a corrente do Golfo, onde ganhou velocidade e passou a percorrer quase 110 quilômetros diários rumo ao norte.

Pouco mais de duas semanas depois de ter sido lançada, a garrafa ainda seguia a corrente do Golfo. No 17º dia, porém, outra tempestade – dessa vez sobre o Atlântico – produziu um vento leste forte o suficiente para desviá-la e ela começou a boiar à deriva na direção da Nova Inglaterra. Sem a corrente para impulsioná-la, a garrafa novamente diminuiu a velocidade e ficou ziguezagueando em várias direções perto da costa de Massachusetts durante cinco dias, até enredar-se na rede de pesca de John Hanes. O homem encontrou a garrafa em meio a milhares de percas e deixou-a de lado enquanto examinava os peixes. Por sorte o recipiente não se quebrou, mas foi logo esquecido e ficou perto da proa do barco durante o restante da tarde e o início da noite, no caminho de volta para a baía de Cape Cod. Às oito e meia dessa mesma noite – depois de deixar a embarcação em segurança dentro da baía –, Hanes fumava um cigarro quando tornou a atentar para a garrafa. Como já estava escuro, ele não conseguiu ver coisa alguma dentro dela, de modo que tornou a jogá-la ao mar. Em seguida, ela foi parar num dos muitos povoados localizados no perímetro da baía.

Mas isso não aconteceu logo. A garrafa ficou à deriva durante alguns dias – como se estivesse resolvendo aonde ir antes de seguir o seu curso – e finalmente apareceu numa praia perto de Chatham.

E foi ali, depois de 26 dias e 1.180 quilômetros, que ela chegou ao fim da sua viagem.

1



Soprava o vento frio de dezembro. Theresa Osborne cruzou os braços, contemplando o mar. Quando chegara ali mais cedo, algumas pessoas passeavam à beira-mar, mas logo notaram as nuvens e partiram. Agora, sozinha na praia, ela olhou em volta. O oceano, refletindo a cor do céu, parecia ferro liquefeito, e as ondas rolavam em direção à areia numa sucessão regular. Nuvens pesadas aos poucos encobriam o céu e a neblina começava a se tornar espessa, deixando o horizonte invisível. Em outro lugar, em outra época, Theresa teria se emocionado com toda a beleza que a cercava, mas ali ela se dava conta de que não sentia coisa alguma. De certo modo, parecia que não estava realmente ali, que aquilo tudo não era nada senão um sonho.

Tinha chegado de manhã, de carro, embora mal recordasse a viagem. Quando tomara a decisão de ir, pretendia passar a noite – tinha feito a reserva e até apreciava a perspectiva de um pernoite tranquilo longe de Boston –, mas agora, contemplando o oceano agitado e fervilhante, percebeu que não queria ficar. Voltaria para casa assim que terminasse, não importava a hora.

Quando enfim se sentiu preparada, Theresa começou a caminhar devagar em direção à água. Levava debaixo do braço uma sacola que preparara com todo o cuidado naquela mesma manhã, certificando-se de não ter esquecido nada. Não tinha revelado a ninguém aquilo que levava consigo, nem o que pretendia fazer naquele dia. Ao contrário: dissera que ia fazer compras de Natal. Era a desculpa perfeita, e, embora tivesse certeza de que teriam compreendido se lhes contasse a verdade, aquela viagem era algo que ela não queria compartilhar com ninguém. Tudo tinha começado com ela sozinha, e era assim que desejava que fosse o fim.

Theresa suspirou e consultou o relógio. Logo, quando a maré ficasse alta, ela estaria finalmente pronta. Depois de achar um lugar confortável numa

pequena duna, sentou-se na areia e abriu a sacola. Depois de vasculhar seu conteúdo, encontrou o envelope que procurava. Respirando fundo, abriu devagar o lacre.

Dentro havia três cartas dobradas com cuidado, correspondências que lera mais vezes do que conseguiria contar. Segurou-as diante de si e contemplou-as.

Havia outras coisas na sacola mas ela ainda não estava preparada para vê-las. Assim, continuou com os olhos fixos nas cartas. Ele tinha usado uma caneta-tinteiro para escrevê-las, e havia manchas em vários lugares onde a caneta vazara. O papel, com a figura de um veleiro no canto superior direito, começava a descorar em certos trechos, desbotando lentamente com a passagem do tempo. Ela sabia que chegaria o momento em que seria impossível ler as palavras, mas esperava que depois daquele dia não sentisse necessidade de fitá-las com tanta frequência.

Quando acabou, colocou-as de volta no envelope com o mesmo cuidado com que as tinha retirado. Então, depois de guardá-lo de novo na sacola, tornou a olhar para a praia. De onde estava sentada, via o lugar onde tudo começara.

Lembrava que estava fazendo cooper ao amanhecer – conseguia visualizar claramente aquela manhã de verão. Era o começo de um lindo dia e ela absorvia o mundo à sua volta, enquanto escutava os pios estridentes das andorinhas-do-mar e o suave sussurro das ondas rolando para a areia. Mesmo de férias, tinha levantado cedo para poder correr sem ter que prestar atenção ao caminho: dali a poucas horas, a praia estaria repleta de turistas deitados em suas toalhas, absorvendo os raios do sol quente da Nova Inglaterra. A baía de Cape Cod sempre ficava cheia naquela época, mas a maioria dos veranistas costumava dormir até tarde e ela apreciava a sensação de correr na areia dura e lisa deixada pela maré vazante. Ao contrário das calçadas da sua cidade, o solo parecia ceder um pouquinho, e ela sabia que não ficaria com os joelhos doloridos como às vezes acontecia ao se exercitar em calçadas de cimento.

Ela sempre gostara de correr – fora um hábito adquirido na escola, quando corria em pistas e trilhas. Embora já não lhe agradasse competir e ela quase nunca cronometrasse as distâncias, a atividade era agora uma das poucas oportunidades que tinha de ficar sozinha com seus pensamentos. Considerava a corrida uma espécie de meditação, e essa era a razão por que

gostava de fazer isso sozinha – não conseguia entender como as pessoas apreciavam correr em grupos.

Por mais que amasse o filho, achava bom Kevin não ter ido com ela. Toda mãe às vezes precisa de uma folga, e Theresa se sentia ansiosa pela rotina calma que teria ali. Nada de jogos de futebol à noite ou treinos de natação, nada de MTV no último volume, nenhum dever de casa que ela precisasse ajudar a fazer, nada de acordar de madrugada quando ele tinha câimbras. Ela o levava ao aeroporto três dias antes para que visitasse o pai – seu ex-marido – na Califórnia, e Kevin só se lembrou de lhe dar um beijo e um abraço de despedida depois que ela mencionou o fato. “Desculpa, mamãe”, dissera ele, jogando os braços ao redor do pescoço dela. “Te amo. Não fica com muita saudade, tá?” Depois o garoto lhe dera as costas, entregara o cartão de embarque ao funcionário e entrara no avião quase correndo, sem olhar para trás.

Ela não o culpava por quase esquecer. Aos 12 anos, ele entrara naquela fase esquisita em que abraçar e beijar a mãe em público não era “legal”. Além disso, estava com a cabeça em outras coisas. Esperava aquela viagem desde o Natal. Ele e o pai iriam ao Grand Canyon, depois passariam uma semana fazendo *rafting* no rio Colorado e por fim iriam à Disneylândia. Era a viagem dos sonhos de qualquer garoto, e Theresa se sentia feliz por ele. Embora fosse passar seis semanas longe, ela sabia que seria bom para Kevin ficar algum tempo com o pai.

Ela e David se davam relativamente bem desde o divórcio, três anos antes. Embora ele não tivesse sido o melhor dos maridos, era um bom pai: nunca deixava de mandar um presente de aniversário ou de Natal, telefonava todas as semanas e atravessava o país algumas vezes por ano só para passar um fim de semana com o filho. Além disso, é claro, havia as visitas estabelecidas pelo tribunal: um mês e meio no verão, Natal em anos alternados e a Semana Santa, quando a escola fechava. Annette, a nova mulher de David, estava ocupadíssima com o bebê, mas Kevin gostava muito dela e nunca tinha voltado para casa zangado ou se sentindo rejeitado. Aliás, costumava contar maravilhas do período passado lá. Havia momentos em que Theresa chegava a ter ataques de ciúmes, que tentava esconder de Kevin.

Agora, na praia, ela corria em ritmo moderado. Deanna esperava que ela terminasse a corrida antes de começar o café da manhã – Brian já teria

saído –, e Theresa estava ansiosa para vê-la. O casal era mais velho, ambos com quase 60 anos, mas a mulher era sua melhor amiga.

Ela era editora-chefe do jornal onde Theresa trabalhava, e junto com Brian, seu marido, visitava Cape Cod havia anos. Os dois sempre se hospedavam no mesmo lugar, uma casa chamada Fisher House. Quando ficara sabendo que Kevin viajaria para visitar o pai na Califórnia e ficaria fora durante boa parte do verão, Deanna insistira que Theresa se juntasse ao casal. “Sempre que estamos lá, Brian sai todos os dias para jogar golfe, e sinto falta de companhia”, argumentara ela. “Além disso, o que você vai ficar fazendo? Precisa sair desse apartamento de vez em quando!” Theresa sabia que ela tinha razão, e enfim concordou. “Ótimo!”, dissera Deanna, com ar vitorioso. “Você vai adorar aquilo lá.”

Theresa tinha que admitir que era um ótimo lugar para ficar. A Fisher House era a casa de um capitão, primorosamente restaurada, à beira de um penhasco, acima da baía de Cape Cod. Quando a avistou, de longe, Theresa diminuiu a velocidade. Ao contrário dos corredores mais jovens, que aumentam o ritmo no final da corrida, ela preferia reduzi-lo. Aos 36 anos, não se recuperava com a mesma rapidez de antes.

Enquanto recobrava o fôlego, pensou em como passaria o restante do dia. Levara cinco livros para aquelas férias, obras que queria ler desde o início do ano, mas nunca conseguira. Parecia que simplesmente não havia mais tempo suficiente – com Kevin e sua energia inesgotável, todas as tarefas domésticas e, sobretudo, todo o trabalho sempre empilhado na escrivaninha. Como cronista do *Boston Times*, ela vivia sob constante pressão de prazos para escrever três artigos por semana. A maioria dos colegas achava que isso era moleza – bastava digitar trezentas palavras e ter o resto do dia liberado –, mas não era bem assim. Conseguir escrever com tanta frequência uma crônica original a respeito de pais e filhos não era tão fácil, especialmente se ela quisesse publicar em outros impressos. Sua coluna, “Pais Modernos”, saía em sessenta jornais de todo o país, embora a maioria só reproduzisse um ou dois artigos em determinadas semanas. E como as ofertas de publicação tinham começado apenas um ano e meio antes e para a maior parte dos periódicos ela ainda era uma novata, não podia se dar ao luxo de deixar de mandar material. Em quase todos os jornais, o espaço para colunistas era muito limitado, e centenas de escritores faziam de tudo para ocupá-lo.

Theresa passou a caminhar e enfim parou enquanto uma andorinha-do-mar voava em círculos acima dela. A umidade do ar estava elevada, e ela usou o antebraço para enxugar o suor do rosto. Inspirou profundamente, manteve o ar nos pulmões por um instante e depois exalou, antes de olhar para o mar. Como era cedo, a água ainda estava cinzenta e opaca, mas isso iria mudar assim que o sol subisse um pouco mais. Parecia tentador. Depois de um instante, ela tirou os sapatos e as meias, caminhou até a beira do mar e deixou que as ondas cobrissem seus pés. A água estava refrescante, e durante alguns minutos ela andou para a frente e para trás com os pés imersos. De repente achou maravilhoso ter escrito artigos extras nos últimos meses para poder passar aquela semana sem pensar em trabalho. Não se lembrava da última vez que não estivera perto de um computador, ou que não tivesse uma reunião de que participar, um prazo a cumprir. Experimentou uma sensação de liberdade por se encontrar longe da escrivaninha. Era quase como se estivesse mais uma vez no controle do próprio destino – como se estivesse começando a vida.

Sim, tinha consciência das dezenas de coisas que deveria estar fazendo em casa. O banheiro já deveria ter sido reformado e o papel de parede trocado, os buracos nas paredes tinham que ser tapados e o restante do apartamento também precisava de uns retoques na pintura. Alguns meses antes ela comprara o papel de parede, algumas tintas, rolos, pincéis, maçanetas e um espelho novo para o banheiro, além de todas as ferramentas de que ia precisar para montá-lo, mas ainda não tinha sequer aberto as embalagens. Sempre adiava a tarefa para o próximo fim de semana, embora ela tivesse tanta coisa para fazer aos sábados e domingos quanto nos dias úteis. Tudo o que ela comprara continuava nas sacolas, atrás do aspirador de pó, e parecia zombar das suas intenções cada vez que ela abria o armário. Talvez, quando voltasse para casa...

Virou a cabeça e avistou um homem parado a certa distância. Era mais velho que ela – aparentava uns 50 anos – e tinha o rosto bem bronzeado, como se morasse ali. Estava imóvel, apenas em pé na água, deixando que as ondas molhassem suas pernas, e Theresa percebeu que ele tinha os olhos fechados, como se apreciasse a beleza do mundo sem precisar vê-la. Usava uma calça jeans desbotada, dobrada até os joelhos, e uma camisa confortável que não se dera ao trabalho de colocar para dentro do cós. Enquanto o observava, ela de repente teve vontade de ser outro

tipo de pessoa. Como seria a sensação de andar pela praia sem qualquer preocupação? Como seria chegar todos os dias a um lugar sossegado, longe da confusão e do burburinho de Boston, só para aproveitar o que a vida tinha a oferecer?

Theresa entrou um pouco mais na água e imitou o homem, esperando sentir o mesmo que ele, o que quer que fosse. Mas quando fechou os olhos só conseguiu pensar em Kevin. Deus sabia quanto ela queria passar mais tempo com ele e, sem dúvida, ser mais paciente quando estavam juntos. Adoraria ser capaz de se sentar para conversar com o filho, ou jogar Banco Imobiliário, ou simplesmente ver televisão com ele, sem sentir o impulso de se levantar do sofá para fazer algo mais urgente. Havia ocasiões em que ela se sentia hipócrita ao insistir com Kevin que ele vinha em primeiro lugar e que a família era a coisa mais importante que ele teria na vida.

Mas o problema era que sempre havia alguma coisa a fazer: lavar a louça, limpar o banheiro, trocar a areia da caixa do gato, levar o carro para a regulagem do motor, colocar a roupa para lavar, pagar as contas. Mesmo que Kevin ajudasse bastante nas tarefas, ele era quase tão ocupado quanto ela – tinha a escola, os amigos e todas as suas atividades. Logo, as revistas iam direto para o lixo sem serem lidas, as cartas não eram escritas e às vezes, em momentos como aquele, ela se preocupava ao sentir que a vida estava passando diante de seus olhos.

Mas como mudar tudo isso? “Viva a vida um dia de cada vez”, dizia sempre sua mãe, mas ela não precisava trabalhar fora ou criar um filho forte e confiante, porém sensível, sem a ajuda de um pai. Ela não compreendia a pressão que Theresa enfrentava todos os dias. A irmã mais nova, Janet, que seguia os passos da mãe, também não entendia – ela e o marido eram casados e felizes havia quase onze anos e tinham três filhas maravilhosas. Edward não era um homem brilhante, mas era honesto e trabalhador, e sustentava a família, de modo que Janet não precisava trabalhar. Havia ocasiões em que Theresa achava que gostaria de uma vida assim, mesmo que significasse renunciar à carreira.

Mas era impossível. Principalmente depois que ela e David se divorciaram. Já fazia três anos – quatro, contando o período em que ficaram separados. Ela não odiava o ex pelo que ele tinha feito, mas seu respeito por ele tinha acabado. O adultério, fosse uma aventura de uma noite ou um longo romance, não era algo que ela conseguisse aceitar. Tampouco a fazia se

sentir melhor o fato de ele não ter se casado com a mulher de quem fora amante por dois anos. A quebra de confiança fora irreparável.

Um ano após a separação, David voltou para a Califórnia, onde nasceu, e meses depois conheceu Annette. A nova esposa era muito religiosa, e aos poucos conseguiu que David se interessasse pela igreja. Ele, que a vida inteira fora agnóstico, sempre parecera ansioso por algo mais significativo na vida. Agora frequentava a igreja com regularidade e trabalhava como conselheiro conjugal junto com o pastor. Theresa muitas vezes se perguntava que conselhos o ex-marido poderia dar a alguém que tivesse feito as mesmas coisas que ele e como poderia ajudar outras pessoas se ele próprio não tivera a capacidade de se controlar. Ela não sabia, e na verdade não fazia questão de descobrir. Só ficava feliz por David ainda se interessar pelo filho.

Como era de se esperar, muitas amizades também se foram quando os dois se separaram. Agora que não era mais parte de um casal, ela se sentia deslocada nas festas natalinas ou nos churrascos. Alguns amigos permaneceram, no entanto, e de vez em quando havia um recado na secretária eletrônica sugerindo que combinassem um almoço ou que ela aparecesse para jantar. Ocasionalmente ela aceitava, mas em geral inventava desculpas para não ir. Para Theresa, nenhum desses relacionamentos parecia igual ao que costumava ser, e é claro que não era mesmo. As coisas mudavam, assim como as pessoas, e o mundo continuava a girar.

Depois do divórcio ela tivera pouquíssimos encontros amorosos. Não que não fosse atraente – ao menos não era o que lhe diziam. Tinha cabelos castanho-escuros, cortados logo acima dos ombros, e bem lisos. Os olhos – parte de seu corpo que mais atraía elogios – eram castanhos, com tons dourados que refletiam a luz quando ela estava ao ar livre. Como corria todos os dias, era saudável e não aparentava a idade que tinha. Tampouco a sentia, mas nos últimos tempos, quando se olhava no espelho, tinha a impressão de que estava começando a envelhecer. Uma ruguinha nova no canto dos olhos, um fio de cabelo branco surgindo da noite para o dia, um ar vagamente cansado pela rotina sempre agitada.

As amigas achavam que ela era louca. “Você está melhor agora do que antes”, insistiam. E ela ainda percebia alguns homens a observando no supermercado. Mas não tinha e jamais voltaria a ter 22 anos. Não que desejasse isso e, ainda que fosse possível, não aceitaria a menos que tivesse também a cabeça atual, mais madura. Pensava nisso de vez em quando. Se

não fosse assim, provavelmente se envolveria com outro David, um bonitão que adorava as coisas boas da vida e achava que não precisava seguir as regras. Mas, ora, as regras eram importantes, sobretudo as relacionadas ao casamento, regras que as pessoas juravam jamais quebrar. Seu pai e sua mãe não as tinham quebrado, sua irmã e seu cunhado também não, nem Deanna e Brian. Por que ele tivera que ser diferente? E por que, Theresa imaginava com os pés imersos na espuma, seus pensamentos sempre voltavam a esse assunto, mesmo depois de todo aquele tempo?

Ela achava que tinha algo a ver com o fato de que, quando enfim chegaram os papéis do divórcio, sentira uma pequena parte de si morrer. A raiva inicial transformara-se em tristeza, e agora tinha virado outra coisa, quase uma espécie de insensibilidade. Mesmo estando sempre em movimento, parecia que hoje nada de especial lhe acontecia: cada dia parecia exatamente igual ao anterior, e era difícil distinguir um do outro. Certa vez, cerca de um ano antes, ficara quinze minutos sentada à escrivaninha tentando lembrar a última coisa espontânea que fizera, sem sucesso.

Os primeiros meses tinham sido complicados para ela. Mas então a raiva diminuía e sua vontade de agredir David e fazê-lo pagar por seus atos arrefecera. A única coisa que podia fazer era lamentar por si mesma. Até ter Kevin por perto o tempo todo não mudara em nada o fato de se sentir absolutamente sozinha no mundo. Houvera um curto período em que não conseguia dormir mais do que poucas horas por noite e, de vez em quando, no trabalho, saía e ia se sentar dentro do carro para chorar um pouco.

Agora, passados três anos, Theresa não sabia se algum dia amaria outra pessoa como tinha amado David. Quando ele apareceu na festa da faculdade dela, no início do seu primeiro ano na universidade, bastou-lhe olhar para ele para saber que o queria. Seu amor juvenil parecia-lhe tão avassalador e tão poderoso na época... À noite ela ficava acordada pensando nele e durante o dia, andando pelo campus, sorria tanto que as pessoas retribuía o sorriso sempre que a viam.

Mas esse tipo de amor não dura – ao menos foi o que ela descobriu. Ao longo dos anos, nascera outro tipo de casamento. Ela e David amadureceram e se afastaram. Tornou-se difícil lembrar as características que no princípio achavam atraentes um no outro. Olhando para trás, Theresa via que o marido tinha se tornado uma pessoa totalmente diferente, embora ela não conseguisse apontar o momento exato em que tudo começara a

mudar. Mas qualquer coisa pode acontecer quando a chama de um relacionamento se apaga, e para David foi isso que ocorreu. Um encontro casual numa locadora de vídeos, um bate-papo que levou a um almoço e, por fim, a hotéis nos subúrbios de Boston.

A injustiça de toda a situação era que às vezes ainda tinha saudade dele – ou melhor, das coisas boas dele. Ser casada com David era confortável como uma cama em que ela tivesse dormido durante anos. Estava acostumada a ter em casa outra pessoa com quem falar ou a quem escutar. Tinha se habituado a acordar com o cheiro de café fresco e sentia falta da presença de outro adulto por perto. Sentia falta de muitas coisas, mas sobretudo da intimidade inerente a abraçar alguém e sussurrar-lhe coisas a portas fechadas.

Kevin ainda não tinha idade para entender isso, e, embora o amasse muito, não era o tipo de amor que Theresa queria agora. Seu sentimento pelo filho era maternal, talvez o mais profundo e sagrado que existe. Mesmo agora ela gostava de entrar em seu quarto quando ele estava dormindo e sentar-se na beira da cama só para observá-lo. Kevin sempre parecia tão em paz, tão bonito, com a cabeça no travesseiro e as cobertas empilhadas à sua volta... Durante o dia dava a impressão de estar constantemente em movimento, mas à noite sua figura adormecida e imóvel trazia de volta os sentimentos que ela experimentara quando ele ainda era bebê. No entanto, mesmo esses sentimentos maravilhosos não mudavam o fato de que, ao sair do quarto dele, ela iria para o andar de baixo e tomaria uma taça de vinho com o gato Harvey como única companhia.

Ainda sonhava em se apaixonar, em ter alguém para abraçá-la e lhe dar a sensação de ser a única no mundo. Mas era difícil, se não impossível, encontrar uma pessoa decente hoje em dia – a maioria dos homens na casa dos 30 anos que ela conhecia já era casada, e os divorciados pareciam procurar uma mulher mais jovem, que pudessem moldar da forma que quisessem. Sobravam apenas os mais velhos, e mesmo achando que poderia se apaixonar por alguém assim, ela tinha que pensar no filho. Queria um homem que tratasse Kevin do modo como ele merecia, e não um simples subproduto de alguém que ele desejava. Mas a realidade era que os homens mais velhos em geral tinham filhos mais velhos, e poucos aceitavam com prazer os problemas de criar um adolescente. “Já fiz meu trabalho”, um pretendente declarara certa vez. Isso fora o fim do relacionamento.

Ela admitia que sentia falta também da intimidade física que é conse-

quência de amar uma pessoa, confiar nela e entregar-se. Não dormira com ninguém desde o divórcio. Houvera oportunidades, é claro – para uma mulher bonita não era difícil encontrar um homem com essa finalidade –, mas esse não era o seu estilo. Não fora educada assim e não pretendia mudar agora. O sexo era importante demais, especial demais, para ser compartilhado com qualquer pessoa. Na verdade, em toda a sua vida ela só fora para a cama com dois homens: David, naturalmente, e Chris, seu primeiro namorado sério. Não queria aumentar a lista só por uns poucos minutos de prazer.

Então, agora, nessa semana de férias em Cape Cod, sozinha no mundo e sem qualquer perspectiva de encontrar um namorado, ela queria fazer algo apenas para si mesma: ler, ficar com os pés para o alto, tomar uma taça de vinho sem a luz da TV sempre ligada, escrever para amigos de quem não tinha notícias havia algum tempo, deitar-se tarde, comer muito e correr de manhã, antes que as pessoas chegassem para atrapalhar. Queria sentir a liberdade outra vez, ainda que por pouco tempo.

Desejava também fazer compras durante esse período. Não na JCPenney, na Sears ou nesses lugares que anunciavam tênis Nike e camisetas dos Chicago Bulls, mas nas pequenas lojas de miudezas que Kevin não suportava. Queria experimentar vestidos novos e comprar alguns que lhe caíssem bem, só para se sentir viva e vibrante. Talvez até fosse a um cabeleireiro – fazia anos que não mudava de corte e estava cansada de ter sempre a mesma aparência. E se por acaso um cara legal a convidasse para sair, talvez ela aceitasse, só para ter uma oportunidade de usar as coisas novas que teria adquirido.

Com o otimismo de certa forma renovado, olhou para ver se o homem da calça jeans desbotada ainda estava lá, mas ele tinha partido tão silenciosamente quanto surgira. E ela também estava pronta para ir embora. Suas pernas tinham endurecido na água fria, e sentar-se para calçar os tênis foi um pouco mais difícil do que ela esperava. Como não tinha levado toalha, hesitou por um momento antes de colocar as meias, então resolveu que não precisava: estava de férias na praia e não havia necessidade de sapatos e meias.

Levou-os na mão enquanto andava para casa. Caminhava à beira-mar quando viu um grande seixo meio enterrado na areia a poucos centímetros de um lugar onde a maré cheia da manhã tinha atingido seu ponto mais alto. Aquilo lhe pareceu estranho, deslocado.

Ao se aproximar, percebeu algo diferente na aparência da pedra. Para

início de conversa, era lisa e comprida, e ao chegar ainda mais perto Theresa percebeu que não era uma pedra, mas uma garrafa, provavelmente deixada por um turista descuidado ou um dos adolescentes locais que gostavam de ir ali à noite. Olhou por cima do ombro, avistou uma lata de lixo acorrentada à torre de salva-vidas e resolveu fazer a sua boa ação do dia. Ao chegar perto da garrafa, porém, surpreendeu-se ao ver que estava arrolhada. Pegou-a, ergueu-a à luz e viu no interior um canudo de papel enrolado e preso por um barbante.

Por um segundo sentiu o coração disparar quando uma lembrança lhe ocorreu. Aos 8 anos, de férias na Flórida com os pais, ela e outra menina tinham mandado uma carta pelo mar, mas a resposta nunca viera. A correspondência era simples, algo típico de uma criança, mas ela lembrava que, depois de voltar para casa, tinha corrido à caixa de correio durante várias semanas, na esperança de que alguém a tivesse encontrado e respondido. Aos poucos a decepção se estabelecera e a lembrança foi se apagando até desaparecer de vez. Mas agora tudo lhe voltava. Quem era a menina que estava com ela naquele dia? Uma garota da sua idade... Tracy? Não... Stacey? Sim, Stacey! O nome dela era Stacey! Tinha cabelos louros... estava passando o verão com os avós... e... e... a lembrança acabava aí. Nada mais lhe ocorria, por mais que se esforçasse.

Começou a tentar tirar a rolha, quase esperando que fosse a mesma garrafa, embora soubesse que isso não era possível. Era provável que fosse de outra criança, e se a mensagem pedisse uma resposta ela iria dar. Talvez mandasse também uma lembrancinha de Cape Cod e um cartão-postal.

A rolha estava encravada, e os dedos de Theresa escorregaram quando ela tentou puxá-la. Não conseguia segurá-la com firmeza. Enterrou as unhas curtas na cortiça e girou a garrafa devagar. Nada. Trocou de mão e tentou de novo. Segurou mais forte e colocou o recipiente entre as pernas para que ele ficasse mais seguro. Quando já ia desistir, a rolha moveu-se um pouco. Subitamente encorajada, tornou a trocar de mão... apertou, girando a garrafa devagar... a rolha saiu mais um pouco... e de repente ficou mais frouxa e acabou de sair com facilidade.

Ela virou o gargalo da garrafa para baixo e surpreendeu-se quando o canudo de papel caiu na areia aos seus pés quase de imediato. Quando se abaixou para pegá-lo, percebeu que o barbante que o envolvia estava bem apertado, por isso tinha deslizado para fora com tanta facilidade.

Theresa desatou o nó com cuidado e a primeira coisa que lhe chamou a atenção ao desenrolar a mensagem foi o papel. Não era um papel de carta infantil, mas um tipo caro, grosso e resistente, com a figura de um veleiro gravada no canto superior direito. E estava enrugado, aparentando ser antigo, como se tivesse ficado cem anos na água.

Ela percebeu que tinha prendido a respiração. Talvez fosse mesmo antigo. Era possível – havia histórias de garrafas que iam dar à praia depois de um século no mar, de modo que esse podia muito bem ser o caso agora. Talvez ela tivesse nas mãos uma verdadeira antiguidade. Mas, ao ler a mensagem propriamente dita, viu que estava enganada: havia uma data no canto superior esquerdo do papel.

Vinte e dois de julho de 1997.

Pouco mais de três semanas antes.

Três semanas? Só isso?

Voltou a ler. O texto era longo – cobria a frente e o verso da folha – e não parecia pedir uma resposta. À primeira vista, não trazia endereço ou número de telefone, mas isso poderia vir em algum lugar ao longo da mensagem.

Theresa teve um frêmito de curiosidade ao segurar a folha diante de si, e foi nesse momento, à luz do sol nascente de um dia quente de verão na Nova Inglaterra, que ela leu pela primeira vez a carta que mudaria para sempre a sua vida.

22 de julho de 1997

Minha adorada Catherine,

Sinto a sua falta, querida, como sempre, mas hoje está sendo especialmente difícil porque o oceano tem cantado para mim, e a canção é a da nossa vida juntos. Quase posso sentir você ao meu lado enquanto escrevo esta carta, assim como o perfume de flores silvestres que sempre me faz lembrar você. Mas neste momento essas coisas não me dão prazer. Suas visitas têm sido menos frequentes, e às vezes acho que grande parte de quem eu sou está aos poucos se afastando para longe.

Mas estou tentando. À noite, sozinho, chamo por você, e sempre que a minha dor parece maior você ainda encontra um meio de voltar para mim. Ontem à noite eu a vi em meus sonhos. Você estava no cais

perto de Wrightsville Beach. O vento soprava em seus cabelos e seus olhos refletiam a luz do sol que se punha. Fiquei paralisado ao vê-la debruçada na amurada. “Você está linda”, pensei ao avistá-la, uma visão que eu nunca consegui encontrar em mais ninguém. Comecei a andar devagar na sua direção, e quando você enfim se voltou para mim, percebi que outras pessoas também a estavam observando. “Você a conhece?”, me perguntavam em sussurros ciumentos, e enquanto você sorria para mim, eu simplesmente disse a verdade: “Conheço-a melhor do que a mim mesmo.”

Parei quando cheguei até você e a abracei. Estava ansioso por aquele instante, mais do que por qualquer outro. Era para ele que eu vivia, e quando você retribuiu meu abraço me entreguei ao momento, ficando mais uma vez em paz.

Ergui a mão e toquei seu rosto com delicadeza. Você inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos. Minhas mãos estavam ásperas e a sua pele, macia, e por um momento me perguntei se você afastaria o rosto, mas é claro que não. Você nunca fez isso, e é em momentos como esse que meu propósito na vida fica claro.

Eu existo para amá-la, para tê-la em meus braços, para protegê-la. Existo para aprender com você e para receber o seu amor em troca. Estou aqui porque não há outro lugar para estar.

Mas então, como sempre, enquanto estávamos abraçados veio a neblina. Uma névoa distante que surgiu do horizonte, e à medida que ela se aproximava percebi que meu temor aumentava. Ela chegou devagar, envolvendo o mundo à nossa volta, cercando-nos como para impedir que escapássemos. Como uma nuvem, ela encobriu todas as coisas, chegando cada vez mais perto, até que nada mais restava além de nós dois.

Senti um nó na garganta e os olhos cheios de lágrimas, porque sabia que era hora de você partir. O olhar que me lançou nesse momento me persegue. Senti a sua tristeza e a minha própria solidão, e a dor no meu coração, que por um breve espaço de tempo se manteve silenciosa, ficou mais forte quando você se afastou de mim. E então você abriu os braços e recuou para dentro da névoa, porque lá era o seu lugar e não o meu. Ansiei por ir com você, mas a sua única resposta foi balançar a cabeça, porque nós dois sabíamos que isso era impossível.

E com o coração partido eu a vi desaparecer aos poucos. Esforcei-me para recordar tudo daquele momento, tudo de você. Mas logo, tão depressa, a sua imagem se desfez e a neblina recuou de volta ao seu lugar distante. Fiquei sozinho no cais, sem me importar com o que as outras pessoas pensavam enquanto arqueava a cabeça e me entregava a um pranto sem fim.

Garrett

2



— Você andou chorando? – perguntou Deanna quando Theresa apareceu na varanda dos fundos da casa com a garrafa e a mensagem.

Em sua confusão, ela se esquecera de jogar o recipiente fora. Envergonhada, Theresa enxugou os olhos enquanto a amiga pousava o jornal e se levantava da cadeira. Embora estivesse acima do peso – desde que as duas se conheceram –, ela deu a volta na mesa com agilidade, o rosto exprimindo preocupação.

– Está tudo bem? O que aconteceu? Você se machucou?

Ela esbarrou numa das cadeiras ao estender o braço e pegar a mão de Theresa, que balançou a cabeça.

– Não, não, nada disso. É que encontrei esta carta e... sei lá, depois que a li não consegui me conter.

– Carta? Que carta? Tem certeza de que está se sentindo bem? – insistiu Deanna, gesticulando de forma compulsiva com a mão livre enquanto disparava as perguntas.

– Estou bem, sério. A carta estava numa garrafa. O mar a jogou na areia e eu a encontrei. Quando abri e li a mensagem...

Ela parou de falar e o rosto de Deanna desanuviou-se um pouco.

– Ah, bom. Por um segundo pensei que tivesse acontecido alguma coisa horrível. Que alguém tivesse atacado você, ou algo parecido.

Theresa afastou uma mecha de cabelo do rosto e sorriu diante da preocupação da amiga.

– Não, é que a carta me comoveu, só isso. Sei que é bobagem, que eu não devia ser tão emotiva. E desculpe por ter lhe dado um susto.

– Ora, não foi nada – garantiu Deanna, dando de ombros. – Não precisa se desculpar. Ainda bem que está tudo certo. – Ela ficou em silêncio por um instante. – Você disse que a carta a fez chorar? Por quê? O que ela diz? – perguntou.

Theresa secou os olhos, estendeu a correspondência para a amiga e foi até a mesa de ferro. Sentindo-se ainda meio ridícula por ter chorado, fez o possível para recompor-se.

Deanna leu a carta devagar e ao terminar ergueu os olhos para Theresa. Eles também estavam marejados. Não eram só os de Theresa, afinal.

– É... É linda – disse ela finalmente. – Uma das coisas mais comoventes que já li.

– Foi o que eu senti também.

– E você encontrou a garrafa na areia quando estava correndo?

Theresa assentiu.

– Não sei como ela pode ter ido parar ali. A baía é protegida do resto do oceano, e nunca ouvi falar de Wrightsville Beach – observou Deanna.

– Também não faço ideia, mas pelo visto chegou à praia ontem à noite. Quase passei direto por ela antes de perceber o que era.

Deanna passou um dedo pela folha e ficou um instante em silêncio antes de falar:

– Fico imaginando quem serão eles. E por que será que a carta foi colocada numa garrafa?

– Também não sei.

– Não está curiosa?

De fato, Theresa queria saber mais sobre aquilo. Depois de ler a carta, ela a releu duas vezes. Ficou pensando como seria ter alguém que a amasse daquele modo...

– Um pouquinho – reconheceu. – Mas e daí? Não temos como descobrir.

– O que você vai fazer com ela?

– Guardar, eu acho. Ainda não pensei sobre isso.

– Hum – comentou Deanna com um sorriso indecifrável. – E como foi a corrida?

Theresa bebericou o suco que servira para si.

– Boa. O nascer do sol foi lindo. Parecia que o mundo inteiro brilhava.

– Isso porque você estava tonta pela falta de oxigênio. Correr deixa a gente assim.

Theresa sorriu, descontraída.

– Então quer dizer que você não vai comigo esta semana.

Deanna estendeu a mão para a xícara de café com uma expressão de dúvida.

– Impossível. Meu único exercício é passar o aspirador na casa todos os fins de semana. Você consegue me imaginar lá fora, bufando e reclamando? Acho que eu teria um enfarte.

– Depois que a gente se acostuma, é revitalizante.

– Pode ser, mas não sou jovem e esbelta como você. A única vez que me lembro de ter corrido foi quando era criança e o cachorro do vizinho fugiu do quintal. Corri tanto que quase fiz xixi nas calças.

Theresa riu.

– Bom, qual é a programação de hoje?

– Acho que podemos fazer umas comprinhas e almoçar na cidade. O que você acha?

– Era o que eu queria mesmo.

As duas falaram sobre os lugares aonde poderiam ir, então Deanna se levantou e entrou na casa para pegar outra xícara de café, enquanto Theresa a observava.

Deanna tinha 58 anos, o rosto redondo e os cabelos quase grisalhos. Ela os usava curtos, vestia-se com simplicidade e para Theresa era, de longe, a melhor pessoa que conhecia. Entendia de música e de arte, e no trabalho o som de Mozart ou Beethoven que saía da sua sala sempre se espalhava pelo caos da redação. Deanna era sempre otimista e bem-humorada, e todos a adoravam.

Quando ela voltou, sentou-se e olhou para o outro lado da baía.

– Este não é o lugar mais lindo que você já viu?

– É, sim. Que bom que você me convidou.

– Você precisava disso. Ia se sentir muito solitária naquele apartamento.

– Você parece a minha mãe falando.

– Vou tomar isso como um elogio.

Ela estendeu a mão por cima da mesa e tornou a pegar a carta. Enquanto a estudava, levantou as sobrancelhas, mas não falou nada. Para Theresa, parecia que a correspondência tinha despertado alguma coisa na memória da amiga.

– O que foi? – quis saber.

– Estou só pensando... – retrucou Deanna em voz baixa.

– Em quê?

– Bom, quando eu estava lá dentro, comecei a pensar na carta. Talvez devêssemos publicá-la na sua coluna esta semana.

– O que você está querendo dizer?

Deanna inclinou-se sobre a mesa.

– Exatamente o que eu falei: acho que deveríamos publicar a carta na sua coluna esta semana. Tenho certeza de que outras pessoas adorariam lê-la. É muito incomum. A gente precisa ler coisas assim de vez em quando. E é tão comovente, já consigo imaginar um monte de mulheres recortando o artigo e o colando na porta da geladeira para os maridos lerem quando chegarem do trabalho.

– Nem sabemos quem eles são. Não acha que deveríamos pedir permissão primeiro?

– A questão é que não temos como fazer isso. Posso conversar com o advogado do jornal, mas tenho certeza de que é legal. Não vamos usar os nomes verdadeiros, e desde que não fiquemos com o crédito da autoria e não divulguemos de onde ela pode ter vindo, tenho certeza de que não haverá problema.

– Sei que deve ser legal, mas não tenho certeza se é correto. Quero dizer, é uma carta muito pessoal. Não sei se deveria ser divulgada para todo mundo ler.

– É uma história de interesse humano, Theresa. As pessoas adoram esse tipo de coisa. Além disso, não existe nada na mensagem que possa constranger alguém. É uma carta linda! E, lembre-se, esse tal de Garrett jogou a carta no *mar* dentro de uma *garrafa*. Ele sabia que ela iria parar em algum lugar.

Theresa balançou a cabeça.

– Não sei, Deanna...

– Bom, então pense sobre isso. Resolva amanhã, se preferir. Eu acho uma ideia maravilhosa.



Theresa ficou pensando na carta enquanto se despia e entrava no banho. Imaginou o homem que a escrevera – Garrett, se aquele fosse mesmo o seu nome verdadeiro. E quem seria Catherine, se é que ela de fato existia? Amante ou esposa dele, é claro, mas ela não se encontrava mais por perto. Estaria morta, ou algo acontecera para separá-los? E por que a carta tinha sido jogada ao mar dentro de uma garrafa? Toda a história era estranha.

Seu instinto de repórter a dominou e de repente ela achou que a mensagem poderia não significar nada. Talvez alguém tivesse desejado escrever uma carta de amor mas não tivesse para quem enviá-la. Poderia até ter sido escrita por uma pessoa que gostava de emocionar mulheres solitárias em praias distantes. Mas, ao pensar nas palavras da correspondência, ela concluiu que essas possibilidades eram pouco prováveis. Era óbvio que o texto era sincero. E pensar que tinha sido escrita por um homem! Em toda a sua vida Theresa nunca recebera uma mensagem que chegasse sequer aos pés daquela. As manifestações de sentimentos que lhe enviavam eram sempre impressas em cartões fabricados em série. David – assim como todos os seus outros namorados – nunca gostara de escrever. Como seria aquele homem? Será que era tão carinhoso pessoalmente quanto por carta?

Ela lavou e enxaguou os cabelos, e enquanto a água fresca descia pelo seu corpo, essas perguntas lhe fugiam da mente. Esfregou-se com uma esponja e um sabonete hidratante, passando mais tempo no banho do que pretendia, e enfim saiu do boxe.

Ao se enxugar, estudou sua imagem no espelho. Nada mau para uma mulher de 36 anos com um filho adolescente. Sempre tivera seios pequenos, e, embora isso a tivesse incomodado quando mais nova, agora a deixava satisfeita, pois eles não tinham começado a cair como os de outras mulheres da sua idade. Tinha a barriga sequinha e as pernas longas e firmes pelos anos praticando exercícios. Até as ruguinhas nos cantos dos olhos apareciam menos, apesar de isso não fazer muito sentido. De modo geral, ficou feliz com sua aparência nessa manhã e atribuiu essa fácil aceitação de si mesma, bastante incomum, ao fato de estar de férias.

Depois de aplicar uma maquiagem leve, vestiu um short bege, uma blusa branca sem mangas e sandálias marrons. Dali a uma hora o dia estaria quente e úmido, e ela queria se sentir confortável ao andar por Provincetown. Ao olhar pela janela do banheiro, viu que o sol estava mais alto no horizonte e lembrou que precisava comprar um protetor solar. Caso contrário, sua pele ficaria vermelha, e ela aprendera por experiência própria que queimaduras de sol eram uma das maneiras mais rápidas de estragar férias na praia.

Lá fora, na varanda, Deanna tinha posto a mesa para o café da manhã. Havia melão e toranjas, além de pãezinhos. Após se sentar, ela passou nos pães um pouco de requeijão light – Deanna estava seguindo mais um de

seus eternos regimes – e as duas ficaram conversando por um longo tempo. Brian fora jogar golfe, como fazia todos os dias da semana. Tinha que praticar o esporte de manhã bem cedo, pois usava um remédio que, segundo Deanna, “faz muito mal à pele se ele ficar muito tempo ao sol”.

Brian e Deanna estavam juntos havia 36 anos. Namorados de faculdade, casaram-se no verão após a formatura, logo que Brian aceitou um emprego numa firma de contabilidade no centro de Boston. Oito anos depois, ele se tornou sócio da empresa e o casal comprou uma casa espaçosa em Brookline, onde viviam sozinhos fazia 28 anos.

Sempre quiseram ter filhos, mas depois de seis anos de casamento Deanna não engravidara. Ao procurarem um ginecologista, descobriram que as trompas dela tinham sido lesadas e que ter um bebê seria impossível. Durante muito tempo tentaram adotar uma criança, mas a lista parecia não ter fim, e eles enfim desistiram. Vieram então os anos negros, como ela certa vez confidenciou a Theresa, época em que o relacionamento deles quase foi por água abaixo. Mas a união, embora abalada, continuou sólida, e Deanna mergulhou no trabalho para preencher o vazio em sua vida. Começou no *Boston Times* quando eram raras as mulheres no jornalismo e aos poucos foi subindo dentro da empresa. Quando, dez anos antes, ela se tornara editora-chefe, passara a proteger as repórteres. Theresa tinha sido sua primeira pupila.

Depois que Deanna subiu para tomar banho, Theresa deu uma olhada rápida no jornal e consultou o relógio. Levantou-se, foi até o telefone e discou o número de David. Ainda seria cedo lá, apenas sete da manhã, mas ela sabia que a família inteira já estaria acordada. Kevin sempre se levantava aos primeiros raios da manhã e ela achava ótimo ter outra pessoa para compartilhar essa maravilhosa experiência. Ficou andando de um lado para outro enquanto o telefone chamava até que Annette atendeu. Theresa escutou o som da TV ao fundo e o choro de um bebê.

– Oi. É a Theresa. O Kevin está por aí?

– Ah, oi. Claro que está. Só um minutinho.

O fone fez um ruído ao ser colocado sobre o balcão e Theresa ouviu Annette chamar:

– Kevin, telefone para você. É a Theresa.

O fato de Annette não ter se referido a ela como mãe de Kevin doeu mais do que esperava, mas não havia tempo para pensar nisso.

O menino estava ofegante quando pegou o telefone.

– Oi, mãe! Tudo bem? Como estão as férias?

Ao ouvir a voz dele, ela sentiu uma pontada de solidão. Era uma voz ainda aguda e infantil, mas Theresa sabia que era apenas uma questão de tempo até que se modificasse.

– Tudo ótimo, mas só cheguei ontem à noite. Ainda não fiz muita coisa além de correr hoje mais cedo.

– Tinha muita gente na praia?

– Não, mas quando estava voltando vi algumas pessoas indo para lá. Ei, quando você vai viajar com o seu pai?

– Daqui a uns dias. As férias dele só começam na segunda, que é quando vamos viajar. Agora ele está se arrumando para ir ao escritório fazer umas coisas para ficar livre depois. Quer falar com ele?

– Não, não precisa. Só liguei para desejar boa viagem.

– Vai ser o máximo. Vi um folheto do percurso pelo rio e algumas corredeiras parecem muito legais.

– Bom, tenha cuidado.

– Mãe, eu não sou mais criança.

– Sei disso. Só tente deixar sua mãe antiquada mais tranquila.

– Está bem, prometo que vou usar o colete salva-vidas o tempo todo. – Ele ficou em silêncio por um instante. – Sabe, lá não vai ter telefone, então só vamos poder nos falar quando eu voltar.

– Eu já imaginava. Mas vai ser ótimo.

– Vai ser fantástico. Queria que você fosse também. A gente ia se divertir muito.

Ela fechou os olhos por um momento antes de responder – um truque que o terapeuta lhe ensinara. Sempre que Kevin mencionava algo sobre os três ficarem juntos de novo, ela tentava não dizer nada de que se arrependesse depois. Sua voz soou tão otimista quanto possível quando ela enfim falou:

– Você e seu pai precisam de um tempo juntos. Sei que ele sente muito a sua falta. Vocês têm coisas para botar em dia, e ele está tão ansioso por essa viagem quanto você.

Pronto, não foi tão difícil.

– Ele disse isso?

– Disse, sim. Algumas vezes.

Kevin ficou em silêncio.

– Vou ficar com saudade de você, mãe. Posso ligar assim que eu voltar, para contar da viagem?

– Claro, pode ligar quando quiser. Vou adorar saber de tudo. Eu amo você, Kevin – acrescentou.

– Também te amo, mãe.

Ela desligou o telefone sentindo-se ao mesmo tempo feliz e triste, como ficava sempre que falava com o filho ao telefone quando ele estava com o pai.

– Quem era? – perguntou Deanna, aparecendo atrás dela.

Tinha voltado do banho vestindo uma blusa amarela com estampa de pele de tigre, um short vermelho, meias brancas e um par de tênis Reebok.

Seus trajas proclamavam “Sou turista!”, e Theresa esforçou-se para não rir.

– Kevin. Liguei para ele.

– Ele está bem?

Deanna abriu o armário e pegou uma câmera fotográfica para completar o visual.

– Está ótimo. Vai viajar daqui a uns dias.

– Que bom. – Ela pendurou a máquina no pescoço. – E agora que isso já está resolvido, temos compras a fazer. Vamos transformar você em uma nova mulher.



Fazer compras com Deanna era uma experiência e tanto.

Em Provincetown, as duas passaram o restante da manhã e o início da tarde percorrendo várias lojas. Theresa comprou três conjuntos novos e um maiô antes que Deanna a arrastasse a uma loja de lingerie chamada Nightingales.

Lá dentro, Deanna enlouqueceu. Não pensava em si mesma, é claro, mas em Theresa. Pegava conjuntos de calcinha e sutiã de renda transparentes e os mostrava à amiga, com comentários como “Estes são bem sexy”, ou “Você ainda não tem desta cor, não é?”. Naturalmente, havia outras pessoas por perto quando ela dizia essas coisas, e Theresa não conseguia deixar de rir cada vez que ela fazia isso. A falta de inibição de Deanna era uma das coisas que Theresa mais adorava nela. Deanna de fato não se importava

com o que as outras pessoas pensavam e Theresa muitas vezes desejava ser mais parecida com ela.

Depois que Theresa aceitou duas sugestões de Deanna – afinal, estava de férias –, elas passaram alguns minutos na loja de discos. A mais velha queria o último CD de Harry Connick Jr. – “Ele é uma graça”, explicou – e Theresa comprou um de jazz, uma das primeiras gravações de John Coltrane. Quando chegaram em casa, encontraram Brian lendo o jornal na sala.

– Olá! Estava começando a ficar preocupado com vocês duas. Como foi o dia?

– Foi bom – respondeu Deanna. – Almoçamos em Provincetown, depois fizemos umas comprinhas. Como foi o jogo?

– Bem bom. Se eu não tivesse ultrapassado a média de tacadas nos dois últimos buracos, teria feito um oitenta.

– Bem, você vai ter que treinar um pouco mais até conseguir.

Brian riu.

– Você não se importa?

– Claro que não.

Ele sorriu, feliz em saber que poderia passar quanto tempo quisesse no campo de golfe durante semana, e aprumou o jornal. Reconhecendo o sinal de que ele queria voltar à leitura, Deanna cochichou ao ouvido de Theresa:

– Acredite: deixe um homem jogar golfe em paz e ele nunca irá criar nenhum tipo de problema.



Theresa deixou os dois a sós pelo resto da tarde. Como o dia ainda estava quente, vestiu o maiô novo que tinha comprado, pegou uma toalha, uma cadeirinha dobrável e a *People*, e foi à praia.

Lá, folheou ociosamente a revista, lendo alguns artigos aqui e ali, sem muito interesse em saber o que estava acontecendo com os ricos e famosos. À sua volta, ouvia risadas de crianças que brincavam na água rasa e enchiam seus baldinhos de areia. De um lado havia dois garotos e um homem, que parecia ser pai deles, construindo um castelo perto da linha d'água. O som das ondas era tranquilizante. Ela largou a revista, fechou os olhos e virou o rosto na direção do sol.

Queria estar bronzeadas quando voltasse ao trabalho, pelo menos para mostrar que passara algum tempo sem fazer absolutamente nada. Mesmo na revista, era considerada uma pessoa que estava sempre no meio de alguma atividade. Se não estava escrevendo seu artigo semanal, estava trabalhando no texto para as edições de domingo, ou fazendo pesquisas na internet, ou estudando material técnico sobre o desenvolvimento infantil. Recebia na redação todas as boas publicações relacionadas a paternidade e infância, assim como outras dedicadas a mulheres que trabalham fora. Além disso, assinava revistas médicas, que folheava de tempos em tempos à procura de temas úteis.

Sua coluna era sempre imprevisível – talvez essa fosse uma das razões por que fazia tanto sucesso. Ela às vezes respondia a perguntas dos leitores, em outras compartilhava as informações mais recentes sobre desenvolvimento infantil e explicava o que elas significavam. Muitos artigos falavam sobre a alegria de criar filhos, ao passo que outros descreviam as armadilhas da educação. Theresa escrevia sobre a luta da mãe solteira, um assunto que parecia mexer com a vida das mulheres de Boston. Inesperadamente sua coluna fizera dela uma espécie de celebridade local. Mas, embora no início tivesse sido divertido ver seu retrato acima do artigo e receber convites para festas, ela sempre tinha tantas coisas para fazer que parecia não haver tempo disponível para aproveitar. Agora passara a considerar a fama apenas uma faceta do trabalho – algo bom, mas que na verdade não tinha muita importância.

Depois de uma hora ao sol, Theresa sentiu que estava com o corpo quente e andou em direção à água. Entrou até a altura dos quadris e então mergulhou sob uma onda pequena. Quando emergiu, a água fria deixou-a sem fôlego e um homem parado perto dela riu baixinho.

– Refrescante, não é? – comentou.

Ela assentiu e cruzou os braços.

Ele era alto e moreno, com os cabelos da mesma cor dos dela, e por um segundo Theresa se perguntou se ele estava flertando com ela. Mas as crianças ali perto logo desfizeram essa ilusão chamando-o de papai. Depois de mais alguns minutos dentro d'água ela saiu e voltou à sua cadeira. A praia estava ficando vazia, então ela recolheu suas coisas e iniciou o caminho de volta.

Em casa, Brian assistia a uma partida de golfe na TV e Deanna lia um

romance com a foto de um advogado jovem e bonito na capa. Ela ergueu os olhos do livro e perguntou:

– Como estava a praia?

– Ótima. O sol está maravilhoso, mas a água chega a dar um choque quando a gente mergulha.

– É sempre assim. Não entendo como as pessoas conseguem ficar dentro d'água por tanto tempo.

Theresa pendurou a toalha num cabide perto da porta. Por cima do ombro, perguntou:

– Que tal o livro?

Deanna virou o romance nas mãos e deu uma olhada na capa.

– Maravilhoso. Ele me lembra Brian há alguns anos.

– Hein? – resmungou o marido, sem tirar os olhos da TV.

– Nada, querido. Recordações – retrucou ela, depois voltou a atenção para Theresa. Seus olhos brilhavam. – Está com disposição para uma partidinha de Gin Rummy?

Deanna adorava todos os jogos de cartas. Era sócia de dois clubes de bridge, jogava buraco como ninguém e mantinha uma lista de todas as vezes que concluía uma partida de paciência. Mas o Gin Rummy sempre fora a modalidade que as duas jogavam quando tinham tempo, porque era a única em que Theresa tinha alguma chance real de vencer.

– Claro.

Deanna fechou o livro alegremente, colocou-o sobre a mesinha e levantou-se da cadeira.

– Estava torcendo para você dizer isso. O baralho está na mesa lá fora.

Theresa se enrolou na toalha e foi para a varanda, até a mesa onde tinham tomado o café da manhã mais cedo. Deanna foi logo atrás, com duas latas de Coca-Cola light, e sentou-se diante dela. Theresa pegou o baralho, embaralhou-o e deu as cartas. A amiga ergueu os olhos de seu leque de cartas.

– Parece que você pegou uma corzinha no rosto. O sol devia estar forte. Theresa começou a organizar as próprias cartas.

– A praia parecia um forno.

– Conheceu alguém interessante?

– Não. Fiquei lendo e relaxando ao sol. Quase todo mundo estava lá com a família.

– Que pena.

– Por quê?
– Bom, é que eu gostaria que você encontrasse alguém especial nestas férias.

– Você é especial.

– Sabe o que quero dizer. Eu gostaria que você encontrasse um homem. Um que a deixasse sem fôlego.

Theresa ergueu os olhos, surpresa.

– Por que isso agora?

– Por causa do sol, do mar, da brisa... Não sei. Talvez seja o excesso de radiação queimando o meu cérebro.

– Não fiquei procurando ninguém, Deanna.

– Nem um pouquinho?

– Bom, não muito.

– Arrá!

– Não fique muito empolgada. Não faz tanto tempo que me divorciei.

Theresa baixou o seis de ouros, que Deanna pegou antes de descartar o três de paus. Então ela falou, no mesmo tom que sua mãe usava quando conversavam sobre o assunto:

– Quase três anos. Tem certeza de que não tem alguém na mira e está escondendo de mim?

– Tenho certeza.

– Ninguém mesmo?

Deanna pegou uma carta da pilha e descartou um quatro de copas.

– Ninguém. Mas não é só comigo, sabe? É difícil conhecer pessoas interessantes hoje em dia. E eu não tenho tempo para sair.

– Sei disso, sei mesmo. É que você tem tanta coisa a oferecer... Sei que em algum lugar do mundo existe uma pessoa para você.

– Tenho certeza disso. Só que ainda não a conheci.

– Pelo menos está procurando?

– Quando posso. Mas a minha chefe é durona, você sabe. Não me dá um momento de descanso.

– Talvez eu devesse conversar com ela.

– É, talvez – concordou Theresa.

As duas riram. Deanna pegou uma carta da pilha e descartou um sete de espadas.

– Está saindo com alguém?

– Não. Desde que aquele Matt não sei das quantas me disse que não queria uma mulher com filhos.

Deanna fez uma careta.

– Os homens às vezes conseguem ser totalmente idiotas, e ele é um exemplo perfeito disso. É o tipo de cara que devia ter a cabeça empalhada, pendurada na parede, com a legenda “Homem Egocêntrico Típico”. Mas não são todos assim. Existem muitos homens de verdade por aí, caras que poderiam muito bem se apaixonar por você.

Theresa pegou o sete e descartou um quatro de ouros.

– É por isso que gosto de você, Deanna. Sempre diz as coisas mais gentis.

Deanna pegou uma carta da pilha.

– Mas é verdade. Pode acreditar. Você é bonita, bem-sucedida, inteligente. Eu poderia encontrar um monte de homens que adorariam sair com você.

– Claro. Mas isso não significa que eu gostaria deles.

– Você não dá nem chance para que algo aconteça.

Theresa deu de ombros.

– É, talvez não. Mas isso não significa que vou morrer sozinha numa casa de repouso para velhinhas. Acredite, eu adoraria me apaixonar de novo. Adoraria conhecer um cara maravilhoso e viver feliz para sempre com ele. Só que agora, neste momento, não posso fazer disso uma prioridade. Kevin e o trabalho já tomam todo o meu tempo.

Deanna baixou um dois de espadas e ficou em silêncio por um instante.

– Acho que você está com medo – falou finalmente.

– Com medo?

– Isso mesmo. Não que haja algo de errado nisso.

– Por que você acha isso?

– Porque sei quanto David a magoou, e sei que se fosse comigo eu teria medo de que a mesma coisa acontecesse outra vez. É a natureza humana. Já diz o ditado: gato escaldado tem medo de água fria. E é verdade.

– Pode ser. Mas tenho certeza de que quando o homem certo aparecer eu vou saber. Tenho fé.

– Que tipo de homem você quer?

– Não sei...

– Claro que sabe. Todo mundo sabe alguma coisa sobre o que quer.

– Nem todo mundo.

– Sabe, sim. Comece com o óbvio, ou, se não conseguir, comece com o que não quer. Por exemplo, você se importa se ele fizer parte de uma turma de motoqueiros?

Theresa sorriu e pegou uma carta da pilha. Seu jogo estava se encaixando. Mais uma carta e ela estaria feita. Descartou o valete de copas.

– Por que está tão interessada?

– Ah, faça isso para agradar uma velha amiga, está bem?

– Certo. Nada de motoqueiro, com certeza – disse Theresa, balançando a cabeça. Pensou por um instante. – Hum... Acho que, acima de tudo, ele teria que ser fiel a mim, a nós, durante o relacionamento. Já tive um homem que não foi e não vou conseguir passar por tudo aquilo outra vez. E acho que gostaria de alguém da minha idade, ou perto disso, se possível.

Theresa parou de falar e franziu a testa.

– E...? – insistiu Deanna.

– Só um instante, estou pensando. Não é tão fácil quanto parece. Acho que também gostaria dos clichês: que ele fosse bonito, educado, inteligente e charmoso. Você sabe, todas as qualidades que uma mulher deseja num homem.

Ela voltou a ficar em silêncio. Deanna pegou o valete. Sua expressão mostrava o prazer que sentia em colocar Theresa na berlinda.

– E...?

– Ele teria que se dedicar a Kevin como se fosse seu próprio filho. Isto é realmente importante para mim. Ah, e teria que ser romântico, também. Eu adoraria receber flores de vez em quando. E atlético. Não consigo respeitar um homem que perca de mim na queda de braço.

– Só isso?

– É, só isso.

– Bom, deixe-me ver se entendi. Você quer um homem fiel, charmoso, bonito, de 30 e poucos anos, que seja também inteligente, romântico e atlético. E tem que ser bom para o Kevin, certo?

– É isso aí.

Deanna respirou fundo enquanto baixava suas cartas.

– Bem, pelo menos você não é exigente. Ganhei.



Depois de levar uma surra no Gin Rummy, Theresa entrou em casa para começar a ler um dos livros que levava. Sentou-se no sofá sob a janela, nos fundos da casa, enquanto Deanna voltava para seu romance. Brian encontrou outro torneio de golfe na TV e passou a tarde assistindo, fazendo comentários para ninguém em particular toda vez que algo lhe chamava atenção.

Às seis da tarde – e, mais importante, depois que a partida chegou ao fim –, Brian e Deanna saíram para um passeio pela praia. Theresa ficou em casa observando-os pela janela enquanto caminhavam de mãos dadas à beira-mar. Os dois tinham o relacionamento ideal, ela pensava ao contemplá-los. Seus interesses eram inteiramente diversos, mas isso parecia mantê-los juntos, em vez de afastá-los um do outro.

Depois que o sol baixou, os três foram de carro a Hyannis e jantaram no Sam's Crabhouse, um restaurante famoso que fazia jus à sua reputação. Estava lotado, e eles tiveram que aguardar uma hora por uma mesa, mas os caranguejos cozidos ao vapor e o molho de manteiga fizeram a espera valer a pena. A manteiga era temperada com alho, e os três juntos consumiram seis cervejas em duas horas. No fim do jantar, Brian perguntou pela carta na garrafa que o mar trouxera.

– Eu a li quando voltei do golfe – explicou. – Deanna colou na porta da geladeira.

Deanna deu de ombros e riu. Virou-se para Theresa com um olhar que dizia “Eu avisei que alguém ia fazer isso”, mas não fez nenhum comentário.

– Ela apareceu na praia. Encontrei no fim da corrida.

Brian terminou a cerveja e continuou:

– É uma carta e tanto. Bem triste.

– Eu sei. Foi o que senti quando li.

– Sabe onde fica Wrightsville Beach?

– Não, nunca ouvi falar.

– É na Carolina do Norte. – Ele pegou o maço de cigarros no bolso. – Já estive lá, numa viagem de golfe. Ótimos campos. Meio planos demais, porém bons.

Deanna assentiu.

– Com Brian, tudo tem alguma relação com o golfe.

– Onde, na Carolina do Norte? – quis saber Theresa.

Ele acendeu o cigarro e deu uma tragada. Enquanto exalava, respondeu:

– Perto de Wilmington. Na verdade, pode até fazer parte de Wilmington, mas não tenho certeza. De carro, fica uma hora e meia ao norte de Myrtle Beach. Já ouviu falar no filme *Cabo do medo*?

– Claro.

– Bem, ele se passa no rio Cape Fear, que fica em Wilmington, e foi lá que rodaram os dois filmes. Aliás, muitos filmes são feitos lá. A maioria dos estúdios mais importantes tem locações na cidade. Wrightsville Beach fica numa ilha perto do litoral. É bastante evoluída, hoje em dia é quase uma comunidade fechada. Um monte de astros e estrelas costuma se hospedar lá quando está filmando nas redondezas.

– Como é que nunca ouvi falar desse lugar?

– Não sei. Acho que ele é ofuscado pela fama de Myrtle Beach, mas é popular no sul. As praias são lindas, com areia branca e água morna. É um destino fantástico para um fim de semana, se você tiver a oportunidade.

Theresa não respondeu e Deanna tornou a falar, com a voz bem-humorada:

– Então agora sabemos de onde é o nosso escritor misterioso.

Theresa deu de ombros.

– Pode ser, mas ainda não dá para ter certeza. Talvez eles tenham visitado ou passado férias lá. Não significa que ele more no lugar.

Deanna balançou a cabeça.

– Não acho. O modo como a carta foi escrita deu a impressão de que o sonho dele era real demais para se passar num lugar onde ele só esteve uma ou duas vezes.

– Você andou mesmo pensando nisso, não é?

– Instinto. A gente aprende a segui-lo, e eu poderia apostar que ele mora em Wrightsville Beach ou em Wilmington.

– E daí?

Deanna estendeu a mão na direção de Brian, pegou o cigarro dele, deu uma tragada e ficou com ele como se fosse seu. Fazia isso havia anos. Em sua cabeça, ela não era oficialmente viciada, pois nunca acendia um cigarro. Brian, parecendo não ter percebido, acendeu outro. Deanna inclinou-se para a frente.

– Já pensou melhor sobre publicar a carta?

– Na verdade, não. Ainda acho que não seria uma boa ideia.

– E se não usarmos os nomes deles, só as iniciais? Podemos até mudar o nome de Wrightsville Beach, se você quiser.

– Por que isso é tão importante para você?

– Porque sei reconhecer quando uma história é boa. Mais que isso, acho que essa carta seria importante para muita gente. Hoje em dia as pessoas são tão atarefadas que parece que o romantismo está morrendo aos poucos. A mensagem mostra que ele ainda está vivo.

Theresa pegou, distraída, uma mecha de cabelo e começou a enrolá-la entre os dedos. Era um hábito da infância, algo que ela fazia sempre que pensava sobre algo. Depois de um longo instante, enfim respondeu:

– Está bem.

– Vai publicar?

– Vou, mas vamos fazer como você disse: usar apenas as iniciais e omitir a parte sobre Wrightsville Beach. E vou escrever uma introdução.

– Que bom! – exclamou Deanna, com o entusiasmo de uma adolescente.

– Sabia que você aceitaria. Vamos mandar por fax amanhã.

Mais tarde nessa mesma noite, Theresa escreveu à mão o início do artigo num papel de carta que achou na gaveta da escrivaninha do escritório. Quando terminou, foi para o quarto, colocou as duas páginas na mesa de cabeceira e se deitou. Não dormiu bem.



No dia seguinte, Theresa e Deanna foram a Chatham e digitaram a carta no computador de uma gráfica. Como nenhuma das duas tinha levado um notebook e Theresa insistiu que a coluna não incluísse certos dados, parecia a coisa mais lógica a fazer. Quando o artigo ficou pronto, elas o imprimiram e enviaram por fax. Ele sairia no jornal do dia seguinte.

O resto da manhã e a tarde transcorreram como na véspera: as duas fizeram compras, foram à praia, ficaram batendo papo e tiveram um jantar delicioso. Quando o jornal chegou, no dia seguinte bem cedo, Theresa foi a primeira a vê-lo. Tinha acordado cedo e voltara da corrida antes que Deanna e Brian se levantassem, então abriu o periódico e leu seu artigo:

Há quatro dias, durante as férias, eu estava ouvindo algumas canções antigas no rádio e de repente Sting cantou “Message in a Bottle”, ou seja, “mensagem em uma garrafa”. Movida pela letra apaixonada, corri para a praia a fim de procurar minha própria garrafa. Logo a encontrei e,

como era de esperar, ela continha uma mensagem. (Na verdade, não ouvi primeiro a canção. Inventei isso para criar um efeito dramático. Mas encontrei mesmo uma garrafa contendo uma mensagem muito comovente.) Não consegui tirá-la da cabeça. Embora não seja algo sobre o que eu escreveria normalmente, tenho esperança, nesta época em que a dedicação e o amor eterno parecem escassos, de que vocês a achem tão importante quanto eu achei.



O resto do artigo era a carta. Quando Deanna se juntou a Theresa para o café da manhã, foi a primeira parte do jornal que leu.

– Sensacional – declarou, ao terminar. – Ficou ainda melhor do que eu pensei. Você vai receber muitas cartas por causa desta mensagem.

– Você acha?

– Claro que sim. Tenho certeza.

– Mais do que o normal?

– Toneladas. Eu sinto isso. Aliás, vou ligar para John hoje e pedir que ele divulgue isto na internet algumas vezes esta semana. Talvez você consiga até que ele saia na edição de domingo de algum jornal.

– Vamos ver – disse Theresa, dando uma mordida num pãozinho, sem saber se acreditava ou não em Deanna, mas ainda assim curiosa.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br